



Podcast Rio Memórias

Ep 2: A travessia

Roteiro

Locução (Gabi)

Locuções adicionais (Rodrigo)

Leituras Baquaqua (Thiago André)

Entrevista (Nilma Teixeira Accioli)

Áudios, ilustrações e efeitos sonoros

Música

[INÍCIO DO EPISÓDIO 2]

[ÁUDIO]

Som da rua, carruagem passando, burburinho de pessoas.

[MÚSICA] 1

Começa uma música minimalista.

[LOCUÇÃO]

Oi. Não sei se você tava esperando o som do oceano aqui nesse começo de episódio. Mas hoje a nossa viagem começa bem longe da costa: quase 500 quilômetros pra dentro do continente, na África Ocidental, no reino de Zugu. Hoje essa região é a cidade de Djougou, no Benin, uma república africana com 10 milhões de habitantes.

[ÁUDIO]

Segue o som da rua.

[LOCUÇÃO]

Mas a gente tá na década de 1840, quando esse território era movimentado pelo comércio de nozes, de ouro e de produtos que vinham da Europa. Portugueses já



faziam negócios com os governantes locais bem antes de os franceses transformarem aquele lugar na colônia de Daomé.

[LOCUÇÃO]

O rei de Zugu tinha uma espécie de mensageiro e guarda-costas: um jovem de família muçulmana chamado Mahommah Gardo Baquaqua.

[LOCUÇÃO]

Ele viveu uma infância tranquila. Seu pai, de ascendência árabe, era um homem de pele clara nascido no reino de Bergu, no que hoje seria o norte de Benin. Sua mãe era uma mulher negra de pele escura, nascida ali perto, no norte da Nigéria. Na adolescência, ele lutou em algumas guerras. Na primeira vez que foi capturado por um povo inimigo, a mãe conseguiu pagar o resgate. Na segunda vez, não teve jeito. Com menos de 20 anos, e despertando inveja pela boa relação que tinha com o rei, Baquaqua foi sequestrado e enviado numa longa caminhada terrestre até o litoral africano.

[MÚSICA] 1

Virada na música.

Nas duas próximas locuções, a música vai se desfazendo, perdendo instrumentos até sumir, porque depois das locuções vai entrar outra música.

[LOCUÇÃO]

Com cordas no pescoço e sacos de grãos na cabeça, os homens sequestrados atravessaram quase 500 quilômetros a pé, dia e noite dentro da mata, abrindo caminho no capim alto, com o risco de encontrar a qualquer momento um felino faminto.

[LOCUÇÃO]

Quando finalmente chegou ao porto, Baquaqua já sabia que seria jogado no porão de um navio com dezenas de outros africanos. O ano era 1845, e a embarcação faria uma longa viagem pelo oceano Atlântico, ou pela Calunga Grande, expressão com origem no quimbundo pra se referir ao grande mar, quando os parentes tavam indo embora. Naquele lugar, ser amigo do rei não significava mais nada.



[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=r-70cBxqHYE>

[1:20 começa a parte instrumental depois da percussão e fica no fundo da leitura]

[ÁUDIO]

- Som de página virando e escrevendo a lápis.
- Testar se esse efeito vai funcionar junto com o instrumental da música.
- Aqui já tem a música da Virgínia, mas nas outras leituras do Thiago vale testar se a gente coloca alguma trilha. Se tiver, tem que ser algo bem neutro e minimalista, para não forçar nenhum drama. E testar também se o efeito de página e lápis vai ficar cansativo caso esteja em todas as 13 leituras.

[LEITURA BAQUAQUA] 1 Thiago André

Imagino que não exista um lugar mais horrível em toda a criação do que o porão de um navio negreiro. Dia e noite eram iguais pra nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento dos nossos corpos.

[ÁUDIO]

[Em 1:34 sobe o som, Virgínia Rodrigues começa a cantar Ya-Ya Massemba]

Que noite mais funda, a calunga

No porão de um navio negreiro

Que viagem mais longa, a candonga

Ouvindo o batuque das ondas, compasso

No coração de um pássaro

No fundo de um cativo

É o semba do mundo, calunga

Batendo samba em meu peito

Kawo Kabiecile Kawo

Okê arô okê

[Em 2:15, a música fica no fundo da locução]

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, e esse é o segundo episódio da temporada Rio Atlântico, baseada na galeria que você encontra no nosso museu virtual em



riomemorias.com.br. A nossa missão hoje é complexa, mas importante. Eu quero que você entenda como era a longa e dolorosa travessia do oceano, que trouxe da África milhões de pessoas sequestradas e escravizadas.

[ÁUDIO]

[Em 2:48 sobe o som nesse trecho]

O batuque das ondas

Nas noites mais longas

Me ensinou a cantar.

[a partir daqui vai baixando o volume lentamente]

Ê semba ê

Ê samba á

Dor é o lugar mais fundo

É o umbigo do mundo

É o fundo do mar

No balanço das ondas

Okê aro

Me ensinou a bater seu tambor

Ê semba ê

Samba á

No escuro porão eu vi o clarão

Do giro do mundo

[Aqui o volume já baixou totalmente]

[ÁUDIO]

Som da cidade. Carruagem na rua.

Esse som vai surgindo lentamente se misturando com a música enquanto ela vai baixando.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 1: Antes do mar.

[LOCUÇÃO]



Essa interpretação que você ouviu da música Ya-Ya Massemba, composta por Roberto Mendes e Capinam, é da cantora Virgínia Rodrigues, numa apresentação ao vivo em São Paulo produzida pela Casa de Fulô em 2015.

[LOCUÇÃO]

E o relato sobre o porão do navio foi escrito pelo próprio Baquaqua e publicado numa autobiografia em 1854. Pois é. Esse é um caso raro de um africano liberto que registrou sua história em livro, narrando a vida na África, a captura, a viagem transatlântica e o horror da escravidão nas Américas, incluindo o Rio de Janeiro.

[LOCUÇÃO]

Pra tratar de um assunto em que as fontes geralmente são indiretas, a gente vai priorizar o relato de alguém que de fato viveu tudo aquilo. Então ao longo do episódio você vai ouvir outros trechos, lidos por uma voz que talvez seja familiar pra você. Mas não é só o Baquaqua que vai te ajudar a entender essa história.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[2:09 a 2:35]

Meu nome é Nilma Teixeira Accioli. Eu sou professora de História, aposentada pelo Estado do Rio de Janeiro e pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Tenho doutorado na UFRJ e o pós-doutorado também na UFRJ. Minha pesquisa se concentra principalmente sobre as questões da escravidão e o pós-abolição, a vida da população negra no pós-abolição.

[LOCUÇÃO]

A professora Nilma vai estar aqui com a gente. E como você já sabe, essa jornada começa bem antes de chegar no Atlântico.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[4:52 a 5:00]

Bom, a primeira questão em relação a esse tráfico, como que chegavam aqui, tem que se pensar primeiro no litoral da África.

[LOCUÇÃO]

Até chegar no litoral, o caminho era longo.



[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[5:02 a 5:37]

A maioria desses homens e mulheres que vieram, eles eram recolhidos no sertão africano. Havia os chamados sertanejos, que eram homens geralmente portugueses que iam para o interior da África e iam escravizando, pegando pessoas, recolhendo, jogando, aprisionando mesmo e amarrando uns aos outros, deixavam nos presídios. Os presídios eram uma espécie de fortes que existiam, portugueses, no interior da África. E depois eles voltavam, recolhiam todos eles e levavam para o litoral, geralmente de Luanda.

[LOCUÇÃO]

Essa relação não acontecia só com os portugueses. Antes disso já existia o conflito entre os próprios africanos. Foi o que aconteceu com o Baquaqua.

[ÁUDIO]

Efeito de página virando.

[LEITURA BAQUAQUA] 2 Thiago André

Certo dia, fui à cidade pra ver minha mãe, quando fui seguido por alguém tocando tambor enquanto era chamado pelo meu nome. O tambor batia em um ritmo que tinha sido aparentemente composto em honra a mim, eu supus, devido à minha posição elevada diante do rei. Me persuadiram a ir com eles para Zaracho, a cerca de 1.600 metros de Zugu, para visitar um rei estranho do qual eu nunca tinha ouvido falar. Quando chegamos lá, o rei nos recebeu muito bem, uma grande festa foi preparada, muita bebida foi dada para mim. Quando acordei pela manhã, percebi que eu era um prisioneiro, e todos os meus companheiros tinham partido. Então, notei que tinha sido traído e tinha sido vendido como escravo por inimigos.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[32:27 a 34:21]

Porque o próprio povo africano, eles tinham a escravização. Por exemplo, nós duas somos africanas, aí eu te devo alguma coisa, não posso pagar. Eu fico trabalhando pra você um tempo, acontecia muito isso nos diferentes grupos étnicos africanos. Então muitos eram inimigos, e aí eles iam lá e não iam pegar o amigo, o parente,



iam pegar o inimigo. E aí já vendiam. Eles eram... os sertanejos, iam amarrando, chegavam aqui nessa aldeia, ó, tem aquele ali, pode levar, vamos vender. Aí ele amarrava, aí ia puxando, ia pra outra aldeia, chegava lá, tem mais dois aqui, ó, vamos vender esse. Aí eles iam sendo amarrados, e muitas vezes, isso tá documentado, alguns morriam nesse caminho, que ia do sertão pro litoral.

[LEITURA BAQUAQUA] 3 Thiago André

Permanecíamos na floresta à noite e viajávamos durante o dia, já que havia animais selvagens em grande abundância. Podíamos ouvi-los uivando à noite. Havia um em particular ao nosso redor do qual as pessoas tinham muito medo. Ele tinha a forma de um gato com um corpo comprido. Os olhos dele brilhavam como esferas brilhantes de fogo à noite.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[34:30 a 34:37]

Até chegar no litoral. Quando chegava no litoral, tinha os barracões, aí eles ficavam nos barracões esperando o navio chegar.

[LEITURA BAQUAQUA] 4 Thiago André

Finalmente, quando chegamos à praia, ficamos de pé na areia. Oh, como eu queria que a areia se abrisse e me engolisse. Eu não consigo descrever o meu mal-estar. Qualquer coisa parecida com um esboço dos meus sentimentos estaria muito além da realidade. Havia escravos trazidos de todas as partes do continente.

[LOCUÇÃO]

Você, que tá ouvindo, você consegue imaginar esse momento? Você já atravessou uma jornada muito difícil e arriscada durante semanas ou meses. E aí você finalmente chega no litoral e encontra tanta gente que foi trazida de vários lugares da África. Esses barracões abrigavam em média 500 pessoas, mas alguns chegavam a reunir mais de 3 mil africanos à espera do embarque. Ali o sentimento já era de pânico.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[15:56 a 16:20]



Tem um livro do Francis Cassis NaI, que é um embaixador francês, ele entrevistou vários africanos, né, lá, e ele, da época, ele fala com um, que ele fala assim: eu estava com muito medo, porque me disseram que os homens brancos compravam a gente para poder matar e comer, e eu fiquei com medo.

[LOCUÇÃO]

Acreditava-se que as Américas eram habitadas por gigantes canibais brancos. Que, chegando do outro lado do oceano, todos seriam devorados, e partes dos corpos seriam transformadas em óleo e pólvora pro comércio. Em meio a esse desespero, prestes a embarcar, os africanos ainda passavam pelo batismo cristão, como você ouviu no episódio anterior. Olha só esse relato de um historiador inglês chamado Charles Boxer.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Não era uma cerimônia muito demorada. A cada escravizado, quando chegada a sua vez, dizia o padre: seu nome é Pedro, seu nome é João, o seu é Francisco, e assim por diante, dando a cada qual um pedaço de papel com o nome por escrito, e pondo-lhes na língua uma pitada de sal, antes de aspergir água benta em toda a multidão. Então um intérprete negro a eles se dirigia, com essas palavras: “Olhai, já sois filhos de Deus; estais a caminho de terras espanholas ou portuguesas, onde ireis aprender as coisas da fé. Esqueçam tudo o que se relacione com o lugar de onde vieram. Agora podem ir, e sejam felizes”.

[MÚSICA] 2

Música de transição de capítulo.

Começa minimalista.

[LOCUÇÃO]

“Sejam felizes”. Todos agora tinham o mesmo destino, que era encarar o oceano. Todos iam sendo colocados em pequenos barcos que levavam até o navio.

[LEITURA BAQUAQUA] 5 Thiago André

O primeiro barco tinha alcançado o navio em segurança, apesar do vento forte e do mar agitado, mas o último barco virou, e todos nele se afogaram, exceto um homem. Eu fui colocado no barco seguinte, que foi posto no mar, mas Deus achou



por bem me poupar, talvez por algum bom motivo. Em seguida, eu fui colocado no mais horrível de todos os lugares.

[MÚSICA] 2

Virada na música, para a transição de capítulo.

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 2: O navio.

[MÚSICA] 2

A música volta a ficar minimalista pra acompanhar as locuções.

[LOCUÇÃO]

Galeões, corvetas, bergantins, escunas, galeras... vários tipos de barcos foram usados ao longo dos séculos pra cruzar o Atlântico com africanos escravizados. Embarcações a vela, a remo, com um mastro, com dois mastros, tudo isso variava muito. Mas geralmente eram navios pequenos, leves e rápidos, até pra conseguir atracar perto da costa, porque muitos portos não tinham tanta profundidade.

[LOCUÇÃO]

As tripulações eram desenhadas numa hierarquia rígida, com homens de diferentes nacionalidades e especializados no comércio humano. Os mestres eram os mais importantes, os chefes a bordo. Eram os responsáveis pela escolha e pela compra dos escravizados antes do embarque, tanto que assinavam tratados e até lideravam embaixadas em reinos africanos.

[LOCUÇÃO]

O segundo na hierarquia era o imediato, que colocava a tripulação pra trabalhar e cuidava das cargas, mas também precisava entender de navegação, porque se o mestre morresse, era ele que assumia. O contramestre atuava ao lado do imediato como uma espécie de capataz do navio. A equipe tinha ainda outras especialidades, como carpinteiros, médicos-cirurgiões, e até sacerdotes, que rezavam a missa aos domingos. O contato dos escravizados com os funcionários era quase sempre violento.



[MÚSICA] 2

Fim da música.

[LOCUÇÃO ADICIONAL] Equiano

Eu fui jogado pro alto por alguns membros da tripulação para verem se eu era saudável e, naquele momento, acreditei que tinha chegado em um mundo de espíritos maus, que iam me matar.

[LOCUÇÃO]

Esse relato é de mais um escravizado que escreveu suas memórias. Daqui a pouco a gente vai voltar no Baquaqua, mas esse é o nigeriano Olaudah Equiano, que comprou sua liberdade aos 21 anos e se tornou um escritor abolicionista na Grã-Bretanha. A descrição dele da travessia inclui algumas impressões sobre a tripulação.

[LOCUÇÃO ADICIONAL] Equiano

A aparência deles era muito diferente da nossa: os cabelos compridos e a língua que falavam, que era muito diferente de tudo que eu já tinha ouvido, se uniram para reforçar a minha crença de que eu ia morrer.

[LOCUÇÃO]

O Equiano tava num navio com 245 africanos escravizados rumo à Ilha de Barbados, no Caribe, na segunda metade do século 18.

[LOCUÇÃO ADICIONAL] Equiano

Quando percorri o navio com os olhos, eu vi uma grande fornalha de cobre fervendo e muitas pessoas negras com diferentes descrições acorrentadas juntas, cada uma com seu semblante expressando desânimo e tristeza. Não mais duvidei do meu destino. Bastante dominado pelo horror e pela aflição, fiquei sem ação no convés e desmaiei.

[LOCUÇÃO]



Agora você imagina, por exemplo, uma viagem longa do porto de Luanda até o Cais do Valongo, no Rio de Janeiro. Durante todo o trajeto, o contato com a tripulação se limitava às questões do trabalho forçado, como lembra a professora Nilma.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[37:25 a 37:46]

E tinha uma hora que davam um pouco d 'água e uma alimentação, porque também a viagem às vezes durava mais de 30 dias, não dava ficar sem nenhuma comida. Alguma coisa eles comiam ali. Geralmente era um angu, que faziam. E davam um angu nesse período de viagem.

[37:47 a 38:06]

E muitas vezes eles, como ficavam esperando o navio chegar, eles juntavam alguma coisinha para poder... alguma coisa deles mesmo, comida, alguma coisa, eles vinham com uma trouxinha, alguma coisa guardada e às vezes traziam comida.

[LOCUÇÃO]

O navio onde tava o Equiano, na década de 1750, levava cerca de dois meses pra cruzar o Atlântico. O Baquaqua, já em meados do século 19, provavelmente ficou no mar por cerca de 30 dias.

[LEITURA BAQUAQUA] 6 Thiago André

O único alimento que recebíamos durante a viagem era milho ensopado fervido. Não sei dizer por quanto tempo ficamos confinados, mas parecia muito tempo. Sofríamos muito com sede, mas tudo o que precisávamos era negado. Uma caneca por dia era tudo que era permitido, e nada mais. Muitos morreram durante a viagem. Houve um colega que ficou tão desesperado de sede, que tentou pegar uma faca do homem branco que trazia a água. Ele foi levado para o convés e nunca soubemos o que aconteceu com ele. Achamos que ele foi lançado no oceano.

[LOCUÇÃO]

Bem antes do Equiano e do Baquaqua, houve uma tentativa de regulamentar os navios que faziam o tráfico humano no Atlântico. Foi a Lei das Arqueações de 1684, elaborada pela Coroa Portuguesa. Arqueação é a medida do volume interno de uma embarcação, ou seja, quanto peso o navio pode carregar e em quais condições.



[LOCUÇÃO]

A lei se preocupava com o estado físico dos africanos no porão, mas não por razões humanitárias, e sim pela questão econômica. Porque o índice de mortalidade na travessia era muito alto, e perder aquelas pessoas significava, também, perder dinheiro. Então ficou determinado que os navios não podiam ficar superlotados, e que os escravizados deviam receber água, comida e cuidados médicos caso ficassem doentes. Ouve só esse trecho da lei e me diz se você acha que ela foi cumprida:

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Se tratará deles com toda caridade e amor ao próximo. Serão levados e separados para aquela parte onde lhes possam aplicar os remédios necessários para a vida.

[LOCUÇÃO]

É lógico que as condições continuaram sendo degradantes. No início do século 18, uma viagem entre Luanda e Rio de Janeiro tinha índices de mortalidade entre 25 e 30%. Esse número caiu pra 10% nas últimas décadas do século 18, e pra 5% no início do século 19. A diminuição das mortes se explica pelas novas tecnologias marítimas, que reduziram o tempo de viagem, e pela prática de lavar os porões com vinagre e melhorar um pouco a ventilação. Mas se a situação já era ruim dentro da legalidade, ela ficou ainda mais cruel na clandestinidade. Mesmo com o acordo entre o Brasil e o governo britânico que tornou ilegal o tráfico transatlântico a partir de 1831.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[40:49 a 42:07]

A gente tem que ver que foi horrível enquanto foi permitido, mas ficou muito pior depois que o tráfico foi proibido, porque continuou como ilegal. E aí, como os ingleses perseguiram a Marinha Brasileira, os navios que vinham, eles não se importavam em pegarem a carga toda e jogarem no mar, aquelas pessoas todas morrerem afogadas. Para o navio não ser preso. Porque o navio era um patrimônio muito mais caro do que aquelas pessoas. Então salva o navio, mas mata eles. Entendeu? Então, a perseguição da marinha em relação aos navios, tornou o tráfico ainda pior, porque as pessoas eram brutalmente mortas. E quando chegavam aqui, os que desembarcavam tinham que desembarcar, eles tiravam correndo dali,



levavam para algum lugar, e lá eles já eram negociados. Então, foi horrível enquanto foi legal, e foi pior ainda quando foi ilegal. Não houve nenhuma melhora para o africano. A perseguição foi tão cruel ou maior que antes.

[MÚSICA] 3

Música de transição.

[ÁUDIO]

Porta pesada de madeira se abrindo.

Som de passos.

Som de grilhões de ferro.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[17:01 a 17:04]

A viagem era uma coisa assustadora.

[LEITURA BAQUAQUA] 7 Thiago André

Fomos empurrados para o porão do navio nus, os homens sendo amontoados em um lado e as mulheres no outro. O porão era tão baixo que não podíamos levantar, éramos obrigados a ficar sentados ou agachados no chão. Estávamos desesperados, devido ao sofrimento e à fadiga.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[17:06 a 17:19]

Mesmo que metade da carga, como eles chamavam, morresse, o lucro era grande e eles não tinham o menor pudor. Era criança que morria, era, sabe, adulto.

[LOCUÇÃO]

A pesquisa da professor Nilma e os relatos do Baquaqua só confirmam que a imagem da travessia era de fato a imagem do horror. Centenas de homens, mulheres e crianças passavam dias e dias confinados no porão, presos com grilhões, sem ventilação, sem higiene, sem alimentação adequada. Pessoas que vinham de povos diferentes, que mal se conheciam, mas naquele martírio criavam um sentimento de solidariedade e companheirismo. Ali eram todos malungos.



[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[14:53 a 15:53]

O malungo era o companheiro de viagem, né, seria... o termo malungo seria quase como se fosse assim, meu irmão de viagem. E é muito interessante porque das religiões afro-brasileiras, isso foi preservado. As pessoas que deitam, né, pro santo, juntos, são chamados irmãos de barco. É o barco que vai sair, né, quando eles saem à cerimônia da iniciação, eles são chamados, o barco vai sair, e é o irmão de barco. Aqueles que deitaram juntos naquela iniciação são chamados de irmãos de barco. Isso foi muito preservado da viagem, porque na viagem, havia, lógico, era muito tempo de viagem e muito sofrimento, então eles, de certa forma, eles tinham que preservar ali, tentar preservar alguma coisa de identidade deles.

[LOCUÇÃO]

A palavra malungo provavelmente deriva da mesma raiz de calunga. Por isso não é simplesmente alguém que tá na mesma viagem. É alguém que tá naquela viagem específica, na travessia da calunga grande. O companheiro que surge quando não tem mais ninguém olhando por eles.

[LEITURA BAQUAQUA] 8 Thiago André

Os nossos sofrimentos eram nossos, não tínhamos ninguém com quem compartilhar os nossos problemas, ninguém para tomar conta de nós ou até mesmo para nos dizer uma palavra de conforto.

[LOCUÇÃO]

E só quem fez aquela viagem sabe exatamente o que era aquele sofrimento.

[LEITURA BAQUAQUA] 9 Thiago André

Se os indivíduos favoráveis à escravidão tomassem o lugar de um escravo no porão fedorento de um navio negreiro apenas por uma viagem da África para a América, e não se tornassem abolicionistas, então eu não teria nada a mais a dizer a favor da abolição. Mas acho que as suas opiniões e seus sentimentos em relação à escravidão mudariam em algum grau.

[MÚSICA] 4

Música de transição de capítulo.



Começa minimalista acompanhando a locução e a leitura.

[LOCUÇÃO]

Quando o Baquaqua completou a travessia e chegou ao Brasil, em 1845, o tráfico transatlântico já tava proibido há mais de uma década. Antes do Rio de Janeiro, ele desembarcou em Pernambuco, mas não no porto de Recife, porque aquela chegada era clandestina. Você lembra o que a professora Nilma falou sobre as condições depois da proibição? Pois é.

[LEITURA BAQUAQUA] 10 Thiago André

Chegamos em Pernambuco, na América do Sul, de manhã cedo, e a embarcação ficou navegando ao longo da costa durante o dia, sem ancorar. Não bebemos nem comemos nada, e nos fizeram entender que tínhamos que ficar em silêncio absoluto e não fazer nenhum alarido, caso contrário as nossas vidas estariam em perigo. Mas quando a noite lançou o seu manto negro sobre a terra e o mar, a âncora foi lançada e pudemos subir para o convés para sermos vistos e manipulados pelos nossos futuros senhores, que tinham subido a bordo vindos da cidade. Quando cheguei à praia, me senti grato por poder respirar ar puro. Naquele momento, eu pouco me importava que era escravo: sair do navio era tudo que eu queria.

[MÚSICA] 4

Virada na música.

[ÁUDIO]

Som de passos, burburinho de pessoas.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 3: Depois do mar.

[ÁUDIO]

Som ambiente continua no fundo da locução.

[LOCUÇÃO]

O Baquaqua foi vendido pra um homem português, católico, que vivia em Recife com a esposa, dois filhos e outras quatro pessoas escravizadas.



[ÁUDIO]

Som de pedra sendo quebrada com marreta.

[LOCUÇÃO]

Esse homem tava construindo uma casa do outro lado de um rio, e o Baquaqua era obrigado a caminhar 400 metros carregando na cabeça pedras muito pesadas, até chegar no barco. Com o tempo ele foi aprendendo o idioma e, quando já sabia contar até cem, passou a ser usado pra vender pães na cidade. Nos dias em que não vendia tudo, era punido com chicotadas. Certa vez, fugiu e tentou tirar a própria vida se jogando no rio, mas foi resgatado. No livro ele conta em detalhes a punição que recebeu por aquele ato. É um relato tão violento que a gente nem vai reproduzir aqui, mas só pra você ter uma ideia, o Baquaqua ficou com cicatrizes daquele dia pro resto da vida. E durante séculos esse foi o cotidiano de milhões de homens, mulheres e crianças.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[8:20 a 8:33]

Então essa questão da escravidão, atrocidades que iam acontecendo... se a gente vê o dia a dia, o cotidiano... eu procurei muito a questão da mulher escrava.

[LOCUÇÃO]

A professora Nilma pesquisou profundamente histórias de escravizados na Região dos Lagos, no litoral fluminense, porque aquela área em torno de Cabo Frio concentrou muitos desembarques ilegais. Pra você, que tá escutando, eu recomendo muito o livro dela, "O sagrado e o profano: vivências negras no Rio de Janeiro".

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI] menina com o filhinho

[8:57 a 9:04]

Tem a história de uma menina, que eu localizei, que está no livro. Ela tinha 16 anos, e o filhinho dela tinha 2.

[9:15 a 9:43]

Ela fugiu com a criança, quando viu que a polícia estava atrás dela, e que a criança era o indício, ~~[CORTAR] sabiam que era uma criança com aquelas condições, e aí~~



ela foi e deixou na casa de uns amigos, escondido o menininho, e ela fugiu. Quando ela soube que o senhor tinha descoberto que estava na casa daqueles amigos e pegou a criança, ela voltou e se entregou para poder ficar perto do filho.

[10:26 a 11:03]

Então, o cotidiano da escravidão foi terrível. Uma mocinha de 16 anos pegou a barca Rio Niterói, o ferry boat, para poder... quando estava no meio da embarcação do mar, da Baía de Guanabara, ela se atirou com o filho na água. Um marinheiro viu, pulou, e ela lutando, porque ela queria morrer afogada com o filho, lutando. Eles conseguiram tirar. Tiraram, salvou ela e a criança. Mas ela foi processada, porque ela estava destruindo o patrimônio do senhor.

[11:43 a 11:57]

Todas que fugiam, todas que se escondiam no mato, qualquer coisa, era o medo de serem separadas do filho. Essa moça ainda falou, eu sei o que eu passei na mão desse homem, eu não quero que meu filho passe por isso.

[LOCUÇÃO]

Tragédias que parecem ficção. E não por acaso surgem, por exemplo, na literatura de Machado de Assis. O conto “Pai contra mãe”, de 1906, narra a história de Cândido Neves, um homem branco pobre do Rio de Janeiro, que vivia de capturar escravizados fugidos em troca de recompensas.

[ÁUDIO]

Som de página virando.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo.

[LOCUÇÃO]

Quando Clara, a esposa do Cândido, fica grávida, a tia dela lembra que o casal não tem dinheiro pra criar um filho, já que ele não tava mais conseguindo encontrar escravizados fugidos. A tia aconselha entregar a criança na Roda dos Enjeitados,



aquele mecanismo com uma portinhola giratória embutida na parede, onde recém-nascidos eram entregues pras instituições de caridade. Desesperado e sem trabalho, Cândido aceita e sai de casa em direção à Rua dos Barbonos, pra deixar o filho na roda. Cortando caminho por um beco perto da Rua da Ajuda, ele avista uma escravizada que ele já procurava há muito tempo. No impulso, ele deixa o filho numa farmácia e volta pra capturá-la.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

- Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.
- Arminda voltou-se, sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou os braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.
- Estou grávida, meu senhor!, exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte.

[LOCUÇÃO]

O Cândido, que não só tinha um filho como tava levando a criança pra doação por falta de dinheiro, viu naquela captura uma chance de conseguir uma boa recompensa, capaz de ajudar na criação do menino. Arrastou Arminda pela Rua dos Ourives até a Rua da Alfândega, onde vivia o escravizador dela.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

- Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.
- Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse.

[LOCUÇÃO]

O desfecho do conto é um dos mais tristes na obra de Machado de Assis.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]



No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta, a escrava abortou.

[LOCUÇÃO]

Seja na literatura de Machado ou nas histórias reais pelas ruas do Rio de Janeiro, como disse a professora Nilma: era sempre uma mulher fazendo de tudo pra não se separar do seu filho. E tanto na ficção como na realidade, o final feliz era algo muito raro.

[LOCUÇÃO]

Até quando parecia que ia dar certo, o desfecho podia ser cruel. Como numa história que, de certa forma, remete ao que aconteceu com o Baquaqua.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[7:19 a 8:13]

... que é um homem que desembarcou já em Cabo Frio, quando o tráfico já era ilegal e era proibido. Ele desembarcou em Cabo Frio, ele conseguiu burlar, porque era na Praia do Perú, a Praia do Perú até hoje é uma praia muito isolada. Então ele conseguiu se esconder no mato, porque muitos caíam, ficavam mortos, outros já estavam quase morrendo, eles largavam para lá, e alguns até se recuperavam. Ficava lá no meio do mato e ia se recuperando. E esse homem falou, pensou, vou voltar para minha terra. E aí ele saiu andando da Praia do Perú, e chegou até o centro de Cabo Frio, mas tem a lagoa, o Canal de Itajuru, e ele não tinha como passar. Aí uns barqueiros atravessaram ele, e ele sem falar português, uns ou outros ainda falavam africano, ajudaram e mandaram ele para a casa de uma pessoa importante, ilustre em Cabo Frio. O homem transformou ele em escravo dele.

[MÚSICA] 5

Música de transição.

Começa minimalista aqui.

[LOCUÇÃO]



Lembra do Baquaqua ainda na África? Ele achou que tava sendo levado pra casa de uma pessoa ilustre, pra uma festa, com bebida, achou que depois ia voltar pra casa, quando na verdade ele tava sendo sequestrado pra cruzar o Atlântico.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[8:14 a 8:20]

Ele achando que ia conseguir voltar para a terra dele, e não conseguiu, virou escravo.

[LOCUÇÃO]

E assim as pessoas iam passando de um escravizador pro outro, como se fossem mercadorias. Em Pernambuco, o Baquaqua foi vendido pro capitão de um navio e se mudou pro Rio de Janeiro.

[MÚSICA] 5

Virada na música.

Acompanha as duas próximas locuções.

[LOCUÇÃO]

Ele passou a trabalhar polindo as partes metálicas da embarcação, além de limpar talheres e cumprir outras funções na cabine. Foi promovido ao cargo de segundo criado de bordo, e depois primeiro criado de bordo. Simbolicamente, o nome do navio era “Lembrança”. Ele partia do Rio e viajava pra fazer negócios no sul do Brasil e até fora do país. Nessas viagens, o Baquaqua recebia muitos castigos físicos. Pra atenuar o sofrimento, ele passou a beber com frequência.

[LOCUÇÃO]

Até que a tripulação fez uma viagem do Rio a Nova York pra levar uma carga de café. Ali também houve todo tipo de punição física, mas naquele momento Nova York não tinha mais escravidão. O Baquaqua conta que a primeira palavra em inglês que ele aprendeu foi “free”, “livre”. Quem ensinou foi um tripulante britânico que, durante a viagem, contava várias histórias sobre os Estados Unidos. Quando a embarcação já estava atracada, ficou evidente que aquela era uma chance única.

[LEITURA BAQUAQUA] 11 Thiago André



Havia uma prancha ligando o navio até a terra firme. Eu passei por ela e corri como se fosse pela minha vida, obviamente sem saber para onde estava indo. Eles me perguntaram qual era o problema, mas eu não sabia responder, já que não sabia nada de inglês, exceto a palavra “free”.

[LOCUÇÃO]

O Baquaqua foi levado até o cônsul brasileiro, ficou detido durante algumas semanas, mas antes de ser enviado de volta ao Rio de Janeiro, conseguiu fugir com a ajuda de abolicionistas americanos. De Nova York ele foi para Boston, e de lá pro Haiti, que já tinha passado pela revolução dos escravizados e era uma nação independente desde 1804.

[LEITURA BAQUAQUA] 12 Thiago André

Quando cheguei ao Haiti, me senti livre, como de fato era. Fomos inicialmente para a casa do Imperador, que foi muito gentil conosco.

[LOCUÇÃO]

Ou seja, aquele homem que na adolescência era muito próximo do rei em Zugu, na África, passou por todos os horrores da escravidão, e agora, do outro lado do Atlântico, voltava a ser livre num país de maioria negra e se aproximava novamente de um imperador.

[LOCUÇÃO]

No Haiti, o Baquaqua se converteu ao cristianismo. Depois voltou aos Estados Unidos e estudou durante três anos na Universidade de McGrawsville, uma instituição abolicionista em Nova York. De lá foi pro Canadá e se naturalizou canadense. Mais tarde, contratou um irlandês chamado Samuel Moore pra redigir seu livro de memórias. Ele chegou a enviar uma carta a um amigo em Detroit pedindo dinheiro emprestado pra imprimir o livro.

[ÁUDIO]

Som de escrita no papel.

Caso o efeito de escrita no papel não entre nas leituras anteriores, nessa última talvez seja o caso de colocar, porque ele está escrevendo uma carta.



[LEITURA BAQUAQUA] 13 Thiago André

Para Gerrit Smith, Detroit, 4 de julho de 1854. Meu caro irmão em Cristo. A minha narrativa está pronta para ir para a gráfica. A razão que escrevo isso é que a impressão dela custará muito. Eu não tenho mais dinheiro para pagar por ela. Será um livro muito interessante. Um homem o escreveu para mim. Eu o paguei para isso. Eu ficaria muito contente se você pudesse me emprestar 200 dólares para imprimi-lo, e eu o pago em cerca de 6 meses. Atenciosamente, Mahommah Gardo Baquaqua *[PRONÚNCIA: Marrôma Gárdo Baquáqua]*.

[LOCUÇÃO]

A publicação aconteceu em 1854, e a última frase da biografia é do Samuel Moore, dizendo que o Baquaqua gostaria de retornar à África.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Se houver um chamado para que ele retorne à sua terra natal, ele aceitará com alegria, e certamente os seus amigos desejarão ajudá-lo em seu propósito benevolente.

[LOCUÇÃO]

Depois de 1857, não existem mais registros daquele homem. Até hoje não se sabe se ele realizou o desejo de voltar pro continente africano depois de todas as atrocidades que enfrentou nas Américas.

[MÚSICA] 6

Música de transição.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[11:58 a 12:13]

Então, eu acho que se a gente começar a pensar na escravidão, não como um aspecto, mas entrar no cotidiano dessa população escravizada, é que é terrível a gente ver o que acontecia.

[12:22 a 12:56]

O cotidiano da escravidão foi terrível, e isso deixou uma marca profunda na história do povo brasileiro. A gente vê no dia-a-dia ainda, muitas vezes as pessoas olham, estão no banco, entra um homem negro, as pessoas já olham meio atravessadas.



Isso é o que? Isso é a consequência da escravidão. A escravidão, o cotidiano, a gente tem a ideia da escravidão como um processo que aconteceu, mas não vai lá na vida daquelas pessoas que viveram aquilo.

[LOCUÇÃO]

Por isso, nesse episódio sobre a travessia, a gente quis que você escutasse o relato de alguém que de fato viveu aquilo.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[12:57 a 13:10]

E aquelas pessoas que viveram aquilo são os ancestrais de grande parte da população brasileira, como minha tataravó foi escravizada, minha bisavó foi escravizada.

[13:19 a 13:29]

Então, esse sofrimento cotidiano foi uma das coisas mais terríveis e que nós ainda temos a herança.

[LOCUÇÃO]

Uma herança que, no caso da professora Nilma, começou no Rio de Janeiro e tá com a família dela até hoje.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[38:09 a 38:26]

A minha tataravó, Margarida, ela era africana. E o meu tataravô Gonçalo. E até hoje nós temos na nossa casa, todas as pessoas da família tem em casa, um tinhorão.

[LOCUÇÃO]

Tinhorão é uma planta de folhas grandes em formato de coração.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[38:29 a 39:11]

Eu sempre fiquei sem dúvida, falei assim, vai ver que é novela. Aí eu fui lá no Jardim Botânico e realmente disseram, esse tinhorão não é brasileiro não, é da África. E ela trouxe... Todo mundo da família tem o tinhorão que ela trouxe. Eu tenho muito amor por minha avó, minha tataravó e pro meu tataravô, porque eles lutaram. Meu avô



Gonçalo, tataravô Gonçalo, ele foi escravo aqui no Rio de Janeiro, escravo de ganho. O escravo de ganho era aquele que saía, o senhor dava o material, ele vinha vender, vivia na cidade e levava depois a verba da venda para a família. E meu tataravô vendia melado.

[39:19 a 39:33]

E ele juntou o dinheiro, por isso ele comprou a liberdade do filho, Adão. Eu acho que foi a força dele e da minha tataravó que deu possibilidade da família permanecer unida.

[MÚSICA] 7

Começa minimalista, depois vai se transformar no tema de encerramento.

[NILMA TEIXEIRA ACCIOLI]

[39:45 a 40:19]

Então, eu acho que nós, descendentes deles, temos que ter o maior orgulho deles, porque eles enfrentaram, sofreram, foram escravizados, foram excluídos, foram humilhados, mas eles sobreviveram a isso. Sobreviveram... e grande parte da população brasileira descendente deles. Eu acho que a história deles é maravilhosa, é de sofrimento, mas é uma história de força também e de fé, porque eu acho que ninguém coloca um filho no mundo sem ter fé que aquela criança vai ser bem sucedida na vida.

[MÚSICA] 7

Virada na música.

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO]

Eu quero agradecer demais à professora Nilma Teixeira Accioli, por ter acompanhado a gente nessa jornada tão difícil, mas tão necessária. E agradeço também a quem deu voz aqui no episódio aos relatos do Baquaqua. Você provavelmente reconheceu essa voz, né? Quem leu os trechos da biografia foi o Thiago André, do incrível podcast História Preta. Obrigada, Thiago.

[MÚSICA] 7

Virada breve na música.



[LOCUÇÃO]

E obrigada a você que ouviu até aqui. Eu sei que esse não foi um episódio fácil, mas eu espero que ele tenha te tocado de alguma forma. Não foi por acaso que, num episódio sobre a travessia do Atlântico, você não ouviu em nenhum momento o som do oceano - um som que você se acostumou a ouvir aqui no Rio Memórias. Hoje, em vez de ouvir o mar, você tinha que ouvir as histórias de quem atravessou o mar.

[MÚSICA] 7

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO]

A temporada tá só começando, vão ser seis episódios baseados na galeria Rio Atlântico, que você encontra no nosso museu virtual em riomemorias.com.br. Conta pra gente o que você tá achando. A nossa @ é [riomemorias](https://www.instagram.com/riomemorias) no instagram.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, historiadora e apresentadora desse podcast, que é produzido pela Escuta Aqui. O Rodrigo Alves coordena a produção, escreve os roteiros e grava as locuções adicionais.

[LOCUÇÃO]

O Thales Ramos faz a supervisão dos roteiros. A Jamille Bullé grava as entrevistas, foi ela que conversou com a professora Nilma no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. As minhas locuções são gravadas no estúdio Frango no Bafo, em Belo Horizonte.

[LOCUÇÃO]

A Clara Costa faz a montagem, a edição e a sonorização do podcast. A Giovanna Orsini é a assistente de edição. A trilha sonora original é composta pelo Gabriel Falcão. E a pesquisa histórica é do Davi Aroeira. Obrigada, e até mais!

[PATROCINADORES]



Essa temporada do podcast é patrocinada pelo Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, e pelas empresas Norsul, Modal, Impulso e Kasznar Leonardos. Até o próximo episódio!

[FIM DO EPISÓDIO]